

“O FIM DO EMPREGO E O NOVO PROFISSIONAL”: REVISTAS SEMANAIS E TRABALHO NO BRASIL (1990-2000)

Geovanni Rocha Junior¹, Reinaldo Lindolfo Lohn²

¹ Acadêmico do Curso de História – FAED/UDESC - bolsista PROBIC/UDESC

² Orientador, Departamento de História - FAED/UDESC – reilohn@gmail.com

Palavras-chave: Imprensa, Veja, Neoliberalismo, Trabalho.

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Um país impresso: revistas semanais, democracia, política e cultura no Brasil (1970-1990)” e pretende realizar um estudo de caso acerca das transformações ocorridas no mundo do trabalho no Brasil durante a década de 1990. Para efetuar tal análise, será levado em consideração a cobertura e as representações que foram criadas por meio das revistas semanais *Veja* e *Isto É*. Parte-se do pressuposto de que as relações de trabalho no Brasil sofreram significativas alterações na década de 1990, por sua vez, os meios de comunicação não deixaram de cobrir e acentuar essas alternâncias. Com as mutações no mundo do trabalho, ocasionadas pela abertura comercial, pelo alto índice de desemprego e pelas privatizações em série, os trabalhadores agiram e não assistiram atônitos aos acontecimentos que estavam ao seu redor. Seja por meio da organização sindical ou através de outros mecanismos de atuação, buscaram defender seus interesses e construir novos canais de participação política. A greve foi um dos instrumentos utilizados por esses agentes no período. Ir para as ruas e apresentar as pautas requisitadas por um contingente de pessoas, abria a possibilidade de negociação, e também, a expectativa de assegurar os direitos adquiridos em outros tempos. Nessas ocasiões os conflitos trabalhistas entravam na pauta do dia, eclodindo nas páginas da imprensa.

Por sua vez, as revistas semanais tiveram a preocupação de atualizar seus leitores acerca dos novos tipos de trabalho. Sublinhando, principalmente, o perfil dos profissionais que se enquadrariam nas demandas das empresas inseridas no processo de modernização tecnológica. Com a internacionalização da economia brasileira, as novidades trazidas pela inovação da tecnologia, passaram a moldar um estilo diferente de trabalho. O funcionário de uma empresa a partir de então, seria avaliado de acordo com sua formação escolar e sua autonomia dentro das atribuições que fossem exigidas em um cargo específico. Tendo em vista que o ciclo de expansão econômico estava diretamente ancorado na redução das ofertas de emprego, ser flexível, na concepção das reportagens trazidas pelas revistas, seria uma pré-condição em que as pessoas teriam que levar em conta para chegarem aos novos postos de trabalho gerados no Brasil. Dessa forma, um novo profissional foi sendo mapeado nas páginas das revistas, sujeitos que necessitavam passar por uma “reengenharia individual”, para se tornarem aptos a atender as demandas das empresas nas vésperas da virada do século.

No entanto, esse processo foi marcado por conflitos. Muitos trabalhadores viam nas transformações decorrentes das novas formas de trabalho apenas um mecanismo em que os patrões obtinham maior lucro sobre uma jornada de trabalho alongada, precarizando diretamente

o assalariado e reduzindo a mão-de-obra. A identificação com antigas e históricas rotinas e padrões também foi atribuída pelos movimentos sindicais, entidades representantes da classe trabalhadora. Entender as representações que circulavam nas revistas semanais, pode nos ajudar na compreensão das alterações dos mundos do trabalho no Brasil, as quais ganharam as capas das revistas na década de 1990 e chegaram até o cotidiano da nossa sociedade.